

Autora de *O ódio que você semeia*,
best-seller do *New York Times*



Galera

ANGIE THOMAS



UMA
ROSA
NO CONCRETO

Obras da autora publicadas pela Editora Record:

O ódio que você semeia
Na hora da virada

ANGIE THOMAS

**UMA
ROSA
NO CONCRETO**

Tradução
Thaís Britto

1a edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO
2021

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

T38r

Thomas, Angie

Uma rosa no concreto [recurso eletrônico] / Angie Thomas ; tradução Thaís Britto.

- 1. ed. - Rio de Janeiro : Galera, 2021.

recurso digital

Tradução de: Concrete rose

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5981-064-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção. 2. Ficção infantojuvenil americana. 3. Livros eletrônicos. I. Britto, Thaís.

II. Título.

21-72706

CDD: 808.899282

CDU: 82-93(73)

Leandra Felix da Cruz Candido – Bibliotecária – CRB-7/6135

Título original:

Concrete rose

Copyright © 2021 by Angela Thomas

Leitura sensível:

Ana Rosa

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Editoração eletrônica: Abreu's System

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos
pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se
reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil



EDITORA AFILIADA

ISBN 978-65-5981-064-2

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

sac@record.com.br

*Para todas as rosas que brotam no concreto.
Continuem florescendo.*

SUMÁRIO

PARTE 1

UM
DOIS
TRÊS
QUATRO
CINCO
SEIS
SETE
OITO
NOVE
DEZ
ONZE

PARTE 2

DOZE
TREZE
CATORZE
QUINZE
DEZESSEIS
DEZESSETE
DEZOITO
DEZENOVE

PARTE 3

VINTE
VINTE E UM
VINTE E DOIS
VINTE E TRÊS
VINTE E QUATRO

VINTE E CINCO
VINTE E SEIS
VINTE E SETE
VINTE E OITO
VINTE E NOVE
TRINTA

PARTE 1

germinação

UM

Nas ruas existem regras.

Não estão escritas em nenhum lugar, e você não vai encontrá-las em um livro. É uma coisa que você pega no ar assim que sua mãe começa a deixá-lo sair de casa. É como respirar, ninguém precisa ensinar.

Mas, se existisse um livro, haveria um capítulo inteiro só sobre o basquete de rua, e a regra mais importante constaria no topo da página, em letras grandes e em negrito:

Não leve uma surra na frente de uma garota maneira, principalmente se for a *sua* garota.

Mas é exatamente o que está acontecendo. Estou levando uma surra na frente da Lisa.

— Tá tudo bem, Maverick — grita, sentada na mesa de piquenique. — Você consegue!

Quer ouvir a real? Não vou conseguir nada. Eu e o King não fizemos nenhum ponto, enquanto o Dre e o Shawn marcaram onze. Mais um ponto e eles ganham. Do jeito que King é grande, seria de imaginar que conseguiria bloquear o magricela do Shawn ou algo assim. Mas Shawn passa por ele como se King nem existisse. Ataca de costas para a cesta, arremessa na cara dele... o pacote completo. Leva os parceiros que assistem ao jogo nas laterais da quadra ao delírio, deixando King com cara de bobo.

Não posso nem ficar com raiva do King. Não com tudo que está rolando. Minha cabeça também não está totalmente no jogo.

Hoje é um daqueles dias perfeitos de agosto, em que o sol está brilhando, mas não está quente demais para jogar basquete. O Rose Park está cheio de Kings Lords com roupas cinza e pretas — parece que todos os parceiros vieram curtir um jogo. Não que os King Lords precisem de um pretexto para vir ao Rose. Este é nosso território. A gente faz negócio aqui, relaxa aqui e leva surra na quadra daqui.

Jogo a bola para o Dre.

Ele abre um sorriso enorme e debochado.

— Qual é, Mav? Vai sair assim na frente da sua garota? Lisa devia ter jogado no seu lugar.

— Uuuh — ecoam os gritos nas laterais. Dre nunca me dá uma trégua, já que sou seu primo mais novo. Ele me destrói desde que aprendi a segurar uma bola.

— Você devia se preocupar é com a lavada que vai levar na frente das *suas* garotas. Keisha e Andreanna não vão nem querer te levar pra casa depois dessa.

Lá vem mais um “Uuuuh”. Keisha, a noiva de Dre, está na mesa de piquenique com Lisa, rindo. A filha dos dois, Andreanna, está no colo de Keisha.

— Olha o parceirinho falando besteira — diz Shawn, dando um sorriso irônico adornado por grills de ouro.

— A gente devia chamar ele de Martin Luther King, porque ele tem um sonho, o de achar que vai ganhar — provoca Dre.

— Eu tenho um sonho que, um dia, você entrará nesta quadra e marcará a merda de um ponto! — diz Shawn, tentando soar como MLK.

Os caras riem. A verdade é que, mesmo se a piada de Shawn tivesse sido uma bosta, eles ririam. É assim que funciona quando você é o chefe dos King Lords, o César de Roma. As pessoas fazem qualquer coisa para ficar de boa com você.

Um deles grita:

— Não deixem eles tirarem sarro de vocês, Li'l Don e Li'l Zeke!

Meu pai está na cadeia há nove anos e o pai de King está morto há quase o mesmo tempo, mas não importa. Ainda são Big Don, o antigo chefe, e Big Zeke, seu braço direito. É por isso que me

chamam de “Li'l Don” e o King, de “Li'l Zeke”. Pelo jeito, ainda não temos idade suficiente para atender pelos nossos próprios nomes.

Dre bate a bola.

— E aí? Qual vai ser, primo?

Ele começa para a direita. Corro atrás e dou de cara com o peito de Shawn. Estão fazendo uma jogada *pick-and-roll*. Dre se afasta e King o alcança, deixando Shawn livre. Shawn avança para a cesta. Dre joga a bola para cima e...

Cacete! Shawn deu uma enterrada em cima do King.

— E aí?! — grita Shawn, ainda pendurado no aro. Depois desce e aperta a mão do Dre do mesmo jeito que fazem desde crianças.

— Eles não têm chance com a gente! — diz Shawn.

— Nenhuma — responde Dre.

Eu vou ouvir essa história *pra sempre*. Daqui a trinta anos, Dre ainda vai falar: “Lembra aquela vez em que eu e Shawn não deixamos vocês fazerem nem um pontinho?”.

King joga a bola com força no concreto.

— Merda!

Perder o deixa irritado de verdade.

— Ei, relaxa. A gente pega eles na próxima... — digo.

— Vocês levaram uma *surra*! — interrompe P-Nut, um dos parceiros, rindo. É um cara baixinho de barba espessa, conhecido por falar demais. Ganhou cicatrizes no rosto e no pescoço por causa disso. — Faz tempo que a gente devia ter parado de chamar você de Li'l Don. Jogando desse jeito, você é uma vergonha pro Don original.

A galera fora da quadra ri.

Cerro os dentes. Já devia estar acostumado com esse tipo de alfinetada. Um monte de idiotas fala isso. Que não sou tão durão quanto o meu pai, que não sou tão maneiro quanto o meu pai, que não sou tão bom quanto o meu pai em nada.

Eles não têm ideia do que ando fazendo na encolha.

— Sou mais parecido com o meu pai do que você pensa — digo a P-Nut.

— Seria uma surpresa. Da próxima vez, o garotão ali podia se esforçar pra jogar tanto quanto se esforça pra comer.

King avança para P-Nut.

— Ou eu podia te encher de porrada.

P-Nut avança para ele também.

— Então qual vai ser, otário?

— Ei, ei, ei — digo, puxando King para trás. Ele é rápido para arranjar briga. — Relaxem.

— É, relaxem. É só um jogo — diz Shawn.

— Tá certo, tá certo. Foi mal, Shawn — desculpa-se P-Nut, com as mãos levantadas. — Sou meio irascível às vezes.

Ira-o-quê? Fala sério, o P-Nut deve estar inventando palavras para parecer inteligente.

Pelo jeito como as narinas de King inflam, tenho a impressão de que é mais do que “só um jogo”. Ele se desvencilha de mim e vai para o outro lado do parque. Shawn, Dre e os outros caras me olham.

— Ele anda com muita coisa na cabeça, só isso — murmuro.

— É — diz Dre, e depois continua em voz baixa para Shawn. — Lembra aquele lance com ele, Mav e a garota que te contei? Eles vão descobrir hoje.

— Não tem desculpa, Dre. Ele tá sempre perdendo a cabeça. Precisa dar um jeito no próprio temperamento ou alguém vai dar — observa Shaw.

Em outras palavras, uma surra. É assim que os parceiros seniores mantêm a gente na linha. Há níveis entre os King Lords. Tem os aspirantes, garotinhos de escola que juram que vão ser os próximos escolhidos. Fazem tudo que a gente pede. Tem os parceiros iniciantes, como eu, King e nossos amigos Rico e Junie. A gente cuida das iniciações e dos recrutamentos, e vende maconha. Depois, vêm os seniores, como Dre e Shawn. Eles vendem as coisas mais pesadas, garantem que todo mundo ganhe o seu, fazem alianças e disciplinam quem sai da linha. Quando temos algum desentendimento com os Garden Disciples, a gangue da região leste da cidade, normalmente são eles que resolvem. E, por fim, tem os gos, os gângsteres originais. Caras mais antigos que estão nessa há muito tempo. São eles que aconselham o Shawn. O problema é que não tem mais muitos gos nas ruas. A maioria está presa, como meu pai, ou morta.

Levar uma surra dos seniores é coisa séria. Não posso deixar acontecer com King.

— Vou falar com ele — digo.

— É melhor alguém falar — responde Shawn, e se vira para os outros. — Agora, quem vai ser o próximo a apanhar na quadra?

King está quase do lado de fora do parque. Corro para alcançá-lo.

— Irmão, você não pode ir pra cima dos caras assim. Quer arranjar problema pra gente?

— Não vou deixar ninguém me esculachar, Mav. Não dou a mínima se ele é sênior — grunhe.

Olho de relance para a quadra. Estamos longe o suficiente para Shawn e os outros não ouvirem.

— Você tem que ficar frio, lembra?

Nos últimos seis meses, eu e King andamos traficando escondido dos seniores. Como eu disse, iniciantes só vendem maconha, o que dá muito menos dinheiro do que as outras drogas. Além disso, somos obrigados a dar a maior parte do lucro para Shawn e os outros, porque são eles que fornecem os produtos. Um dia, King decidiu trabalhar sozinho na paralela e arranjou seu próprio fornecedor. Depois me levou junto rapidinho. Nosso bolso está cheio.

A gente vai se encrencar pra valer se Shawn e os outros descobrirem. É quase tão ruim quanto roubar o território deles. Mas, cara, minha mãe tem dois empregos. Não deveria comprar tênis e roupas pra mim quando está lutando para continuarmos tendo um teto. Papo reto.

— Deixa o P-Nut ou qualquer um falar o que quiser. A gente tá fazendo nossa parada e é nisso que precisamos focar. Beleza?

Estendo a mão para o King. No começo, ele fica a encarando, e não sei se é por causa de Shawn e P-Nut ou por causa da outra situação que está rolando.

Finalmente, ele bate na minha mão.

— Tá, beleza.

Puxo King para um abraço e dou um soquinho nas suas costas.

— Não se preocupe com aquele outro lance. Vai dar certo, como deve ser.

— Não tô preocupado com isso. É o que é.

É a mesma coisa que King disse sobre os pais terem sido assassinados quando tinha 11 anos e sobre tudo o que passou com as famílias adotivas. Acho que se ele quer encarar assim, eu também posso.

King sai do parque e eu vou em direção à Lisa, que está mais gata do que nunca, com uma camisa que mostra o umbigo e shorts que fazem minha mente viajar.

Eu me posiciono entre as pernas dela.

— A gente é um lixo, hein?

Lisa põe os braços em volta do meu pescoço.

— Podiam treinar um pouquinho mais.

— Como eu disse, a gente é um lixo.

Ela ri.

— Talvez, mas você é o *meu* lixo.

Ela me beija e esqueço todo o resto.

Sempre foi assim com Lisa. Eu a vi pela primeira vez num jogo de basquete no primeiro ano. O time dela estava dando uma lavada nas garotas do Garden High. Pra falar a verdade, ela joga melhor do que eu. Tinha ido lá para assistir ao jogo de Junie, que era depois, e Lisa chamou minha atenção. Ela sabia jogar e era gata pra cacete. Além disso, tinha uma tremenda bunda. Não vou mentir, percebi logo de cara.

Lisa acertou uma bandeja e eu gritei “Isso aí, baixinha!”. Ela olhou na minha direção com os lindos olhos castanhos e sorriu. Estava decidido, eu tinha que falar com ela. Lisa me deu uma chance e está rolando desde então.

Eu vacilei bastante. Saber o que eu sei me faz parar de beijá-la.

— O que aconteceu? — pergunta.

Acaricio as suas tranças.

— Nada, estou irritado porque perdi na sua frente.

— O papai te deu uma surra! — diz Andreanna.

Nada como ser sacaneado por uma criança de três anos. Andreanna parece com Dre, o que significa que parece comigo. Todo mundo diz que eu e Dre somos praticamente gêmeos. Nossas mães são irmãs e nossos pais são primos, então faz sentido que

tenhamos os mesmos olhos grandes, sobancelhas grossas e pele escura.

— Você devia ter torcido por mim — digo, fazendo cócegas em Andreanna. Ela se contorce e dá risada no colo de Keisha. — Não devia ter torcido pelo seu papai.

— É óbvio que tinha que torcer pelo papai dela — discorda Dre enquanto se aproxima, a pega no colo e a leva pelo ar como se fosse um avião. Ninguém a faz rir como ele.

— Vocês vão na festa hoje? — pergunta Lisa.

Shawn vai dar uma festa na casa dele, como sempre faz no fim do verão.

— Você já sabe que Dre não vai em festa nenhuma — responde Keisha.

— De jeito nenhum. A gente vai fazer a nossa própria festa. Não é, garotinha? — Ele beija a bochecha de Andreanna.

— Que isso, meu chapa. É sexta à noite. Não pode ficar em casa — argumento.

Mas deixa pra lá. Este Dre não vai mais a lugar nenhum. Depois do nascimento da filha, ele mudou muito. Parou de ir a festas e de sair com a gente. Acho que, se pudesse, deixaria os King Lords.

Não dá para sair dos King Lords. A não ser que você queira terminar morto ou quase morto.

— Eu estou onde quero estar — responde ele, sorrindo para Andreanna. Depois olha para mim. — Tem certeza de que vocês vão na festa?

Dre sabe o que está rolando, sabe da situação que pode mudar a minha vida. O problema é que Lisa não sabe. E aí dele se falar alguma coisa.

— Certeza — digo.

Dre me encara como se fosse um irmão mais velho olhando para o mais novo que está prestes a fazer besteira. Ao mesmo tempo em que isso me irrita, faz com que me sinta um merda.

Eu desvio o olhar para Lisa.

— Nada vai impedir a gente de ir à festa. A gente precisa de uma diversão antes que as aulas comecem.

Lisa envolve meu pescoço com os braços.

— É isso aí. Pensa só, daqui a um ano a gente vai estar na faculdade, indo em todas as festas.

— Papo firme — respondo. As festas são a única razão pela qual eu vou para a faculdade. Se eu for. Ainda não tenho certeza. — E na festa de hoje todo mundo vai olhar pra você quando chegar lá usando isso.

Tiro o colar do bolso. No pingente está escrito “Maverick” em letra cursiva. É feito de ouro de verdade e tem diamantes pequenos ao longo do nome. Na semana passada, pedi pra um cara no shopping fazer.

— Meu deus! — Lisa fica surpresa ao pegar o colar. — É lindo.

— Tá bem, Mav. Já percebi que você á gastando uma grana com a sua garota — observa Keisha.

— Óbvio. Você sabe como eu sou.

— Esses colares são caros pra caramba. Onde você anda arranjanjo dinheiro pra essas coisas? — pergunta Dre.

Ele não sabe que eu e King vendemos outras coisas além de maconha, e quero que continue assim. Já demorei muito para convencê-lo a me deixar vender erva. Apesar de ele mesmo traficar, ficou um tempão com um papinho de “faça o que eu digo, não faça o que eu faço”. Eu disse que queria ajudar minha mãe e, a certa altura, Dre cedeu. Só me deixa vender o suficiente para pagar uma conta ou outra. Se descobrir o que arranjei com o King, vai me esculachar.

— Fiz uns bicos pro pessoal do bairro, como sempre. Economizei até conseguir comprar — minto.

— Eu amei — diz Lisa. Ela sabe o que faço e muda de assunto. Maravilhosa. — Obrigada.

— Tudo por você, gata — respondo, e a beijo de novo.

— Eeeca! Para de fazer essas coisas na frente da minha bebê — brinca Dre, cobrindo os olhos de Andreanna, e Keisha dá uma gargalhada. — Vai traumatizar a menina pra sempre.

— Se ela não fica traumatizada de olhar pra sua cara, tá tudo bem — provoco, enquanto ouço uma buzina no estacionamento, vinda de um Datsun velho.

Uma das janelas se abre e um cara forte, negro de pele clara, grita:

— Lisa! Vamos embora!

É Carlos, o irmão mais velho dela. Nunca gostou de mim. Na primeira vez que liguei para Lisa, ele me interrogou como se fosse um policial. “Quantos anos você tem?”, “Que escola você frequenta?”, “Como são suas notas?”, “Faz parte de alguma gangue?”... perguntou um monte de coisas que não eram da conta dele. Quando me conheceu, eu estava com uma roupa cinza e preta, o que provava que eu era um King. O idiota me olhou de nariz empinado, como se eu fosse um inseto. Agora, veio passar o verão em casa e eu não vejo a hora de ele voltar para a faculdade.

— O que o Carlos tá fazendo aqui? — pergunto.

— Mamãe pediu pra ele me levar pra comprar as coisas da escola. Preciso de mais umas peças daqueles uniformes horríveis da Saint Mary — responde Lisa.

— Nossa, você vai ficar muito gata com a saia plissada.

Lisa tenta reprimir um sorriso, e o gesto me faz sorrir.

— Tanto faz, é horrível mesmo assim — diz ela, e se levanta. — Melhor eu ir antes que o Capitão Enxerido faça uma cena.

Solto uma risada e seguro a mão dela.

— Vamos, eu acompanho você até o carro.

Lisa se despede de Keisha e Dre, e a gente cruza o parque. Carlos lança em mim um olhar maligno durante todo o percurso. Ele me odeia.

Paramos ao lado do carro.

— Pego você às oito.

— A gente se vê oito e quinze então. Você sempre se atrasa — responde ela, com uma risadinha.

— Não, vou chegar cedo hoje. Eu te amo.

Na primeira vez que disse isso a ela, fiquei apavorado. Nunca tinha falado “eu te amo” para uma garota antes, mas também nunca tinha namorado uma Lisa antes.

— Também te amo. Se cuida, tá bem?

— Não vou a lugar nenhum. Você não vai se livrar de mim tão fácil.

Ela sorri e me dá mais um beijinho rápido.

— Vou cobrar.

Abro a porta do carona. Carlos me encara de cara fechada. Mostro o dedo para ele quando Lisa não está olhando.

— Por que você tá tão irritado? — pergunta Lisa, e ouço Carlos falando algo sobre “parque de bandidos” enquanto dá partida no carro.

Menos de um minuto depois, um Camry antigo com teto solar entra no estacionamento. Minha mãe tinha um Lexus, mas os policiais o levaram quando prenderam meu pai.

— Epa! Li'l Don tá encrocado. A mamãe chegou no disciplinador móvel — provoca P-Nut.

No disciplina-o-quê?

Esqueço o P-Nut. Abro a porta do carona.

— Oi, mãe.

— Oi, queri... — Ela cobre o nariz. — Que é isso, garoto! Que cheiro é esse? Por que você tá fedendo assim?

Cheiro minha própria camisa. Não está *tão* ruim assim.

— Eu joguei basquete.

— Num chiqueiro? Meu Deus! Vai espantar todo mundo da clínica.

— Se a gente passar rapidinho em casa, posso tomar banho...

— Não temos tempo para isso, Maverick. A gente prometeu pra lesa e pra mãe dela que você estaria lá às duas. Já são uma e quarenta e cinco.

— Ah... — Não tinha notado que faltava tão pouco para minha vida mudar. — Foi mal.

Minha mãe deve ter percebido o desânimo na minha voz.

— A gente precisa saber a verdade. Você entende, né?

— Mãe, o que vou fazer se...

— Ei — diz, e eu a olho. — Não importa o que aconteça, estou com você.

Ela estende a mão fechada para mim.

Dou um sorrisinho.

— Você tá muito velha pra esse tipo de cumprimento.

— Velha? Se liga, garoto. Pediram minha identidade e a da Moe quando a gente saiu no sábado passado. E aí?! Quem é muito velha agora?

Solto uma risada enquanto ela dá partida no carro.

— Você. Você é muito velha.

— Ei, espera aí! — grita Shawn, depois atravessa o estacionamento correndo até a porta da minha mãe. — Preciso dar um oi pra rainha. Como vai, sra. Carter?

— Oi, Shawn. Tudo bem? — cumprimenta ela.

— Sim, senhora. Cuidando do seu garoto.

— Que bom — diz, e agora é a voz dela que soa desanimada.

Nenhuma mãe quer ver o filho em uma gangue, mas nenhuma mãe quer ver o filho morto. Meu pai fez tantos inimigos nas ruas que eu precisava de alguém para me defender. Ele disse à minha mãe que eu precisava entrar. Que, de qualquer forma, os Kings estavam no meu sangue. Além do meu pai e dos meus primos, os irmãos dela são Kings. Para nós, é como se fôssemos uma fraternidade.

Apesar disso, minha mãe acha que sou um “associado”, ou seja, alguém que faz parte, mas não trafica nem trabalha. Diz que essa coisa de King Lords é temporária. Martela na minha cabeça o tempo inteiro que é para eu me formar no ensino médio, ir para uma faculdade longe daqui e me afastar de tudo isso.

— Precisamos ir, temos um compromisso. Se cuida aí, menino — ela diz pro Shawn.

— Sim, senhora. — Shawn olha para mim e acena com a cabeça. — Boa sorte, parceirinho.

Cumprimento de volta.

Minha mãe sai do estacionamento e fico observando os parceiros pelo retrovisor. Jogam basquete na quadra sem se preocupar com nada. Queria voltar a ser assim.

Mas sigo em direção à clínica para descobrir se o filho de King é, na verdade, meu.

DOIS

A clínica gratuita está cheia demais para uma sexta-feira à tarde. Todo mundo que mora no Garden prefere vir aqui em vez de se arriscar na clínica do governo, porque quem vai lá raramente volta para casa. Um cara de muletas fala alto pra cacete no telefone público, como se quisesse que todo mundo ouvisse que ele precisa de uma carona. Por sorte não acordou a senhora na cadeira de rodas que está ao nosso lado. Uma garota mais ou menos da minha idade corre atrás de um menino com o nariz escorrendo e grita com ele em espanhol.

É muito louco pensar que pode ser eu daqui a alguns anos.

A situação toda é meio complicada. King ficou com uma garota do bairro, a lesa. Não são namorados nem nada. Só se pegam bastante, digamos assim. Mas lesa é famosa por ficar com vários caras. Nada contra, é só um fato.

Mais ou menos um ano atrás, Lisa terminou comigo porque Carlos disse para ela que me viu falando com outra garota. Uma mentira deslavada, mas, por algum motivo, Lisa acreditou naquele idiota. Fui para a casa de King, estava estressado com a situação. Ele pediu para lesa me ajudar a esquecer os problemas. No começo, hesitei porque parecia errado, quase como uma traição. Mas assim que eu e lesa nos agarramos, esqueci a noção de certo e errado.

Em algum momento, a camisinha estourou.

Agora, estou na clínica gratuita esperando o teste de DNA do bebê de três meses de lesa.

Minha mãe não para de mexer a perna, como se quisesse sair correndo da sala de espera. Dá uma olhada no relógio.

— Elas já deviam estar aqui. Maverick, você tem falado com a Iesha?

— Não desde aquela semana.

— Deus, essa menina vai dar trabalho.

Minha mãe sempre fala com Deus. Normalmente é “Deus, me ajude a não bater nesse garoto”. Que bom que agora está reclamando com Ele sobre outra pessoa, pra variar.

Ela diz que envelheceu cedo pelo estresse que eu causei. Usa o cabelo no estilo *finger waves*, e dá para ver alguns fios brancos que ela não deveria ter aos 38 anos. Não é minha culpa. É culpa do monte de horas que ela trabalha. Minha mãe é recepcionista de hotel de dia e limpa escritórios à noite. Sempre digo que vou cuidar dela. Ela sorri e normalmente responde “Cuide de você mesmo, Maverick”, mas nas últimas semanas tem sido “Cuide do seu filho”.

Está convencida de que sou o pai.

Eu não.

— Não sei por que a gente tá fazendo isso. O bebê não é meu — resmungo.

— Por quê? Porque só ficou com a garota uma vez? Uma vez é o suficiente, Maverick.

— Ela jura que é filho do King. Eles já até o batizaram com o nome do King.

— É, e com quem ele se parece?

Caaara... Na moral, aí ela me pegou. Quando King Jr. nasceu, não se parecia com ninguém. Eu acho todos os recém-nascidos parecidos com ETs. O garotinho não tinha nenhum traço do King. E também não parecia nada com a mãe.

Foi por isso que King terminou de vez com Iesha. Ela quer provar a ele que não sou o pai, e me pediu para fazer um teste de DNA. Então, estou fazendo. A não ser que eu seja a pessoa mais azarada do mundo, não tem nenhuma chance de o bebê ser meu.

Sinto meu pager vibrar na cintura e o número do sr. Wyatt aparece. É o nosso vizinho do lado. Corto a grama do jardim dele toda semana. Provavelmente quer que eu faça isso hoje. Vou ter que retornar a ligação mais tarde.

Minha mãe me observa com um sorriso.

— Você tá se achando porque tem um pager, né?

Dou risada. Comprei esse negócio há dois meses. Estava na maior onda. Mais chapado do que nunca.

— Não, mãe. Nunca.

— Como vão os negócios? Quantos jardins você anda aparando agora?

Minha mãe acha que ganho dinheiro cortando a grama do pessoal do bairro. Até ganho, mas ganho muito mais vendendo drogas. O lance da grama ajuda a enganá-la. Quando ela me vê com tênis ou roupas novos, digo que comprei barato no brechó, e não no shopping. Odeio minha capacidade de mentir para ela com tanta facilidade.

— Tão indo bem. Ando fazendo uns dez jardins. Tentando pegar a maior quantidade possível de clientes antes que chegue o inverno.

— Não se preocupe, você vai arranjar outra coisa. Deus sabe que cuidar de um bebê não é barato. Você vai dar um jeito.

Não vou precisar dar um jeito. O bebê não é meu.

A porta da clínica se abre e a srta. Robinson entra, depois segura a porta para alguém.

— Anda logo!

Ilesha aparece, revirando os olhos. Está com uma bolsa de bebê pendurada no ombro e segura uma cadeirinha. O menininho está dormindo, com a mão fechada em cima da cabeça e as sobrancelhas franzidas, como se estivesse pensando em algo muito profundo durante o sono.

— Oi, Faye — diz a srta. Robinson para minha mãe. — Desculpe o atraso.

— Aham — responde minha mãe. Não está aprovando nem reprovando. Depois olha para mim, como se esperasse que eu fizesse algo. Encaro minha mãe, muito confuso. — Garoto, dê o lugar pra Ilesha.

— Ah, desculpa — digo, e me levanto num pulo. Minha mãe sempre insiste para que eu seja cavalheiro.

Ilesha se senta e coloca a cadeirinha do bebê no chão. De repente, minha mãe fica fascinada.

— Own, olha esse menininho — diz, com uma voz que só usa para bebês. — Ele dormiu, né?

— Finalmente. Fiquei acordada a noite inteira por causa dele — responde lesha.

— Não é como se você tivesse outro lugar para ir — alfineta srta. Robinson. — Senhorita Eu-Matei-Aula-Pra-Ir-Atrás-De-Um-Cara-Qualquer.

— Ai, que saco! — reclama lesha.

— Logo, logo ele começa a dormir a noite toda — comenta minha mãe. — Maverick só parou de acordar de madrugada com cinco meses. Era como se ele quisesse saber o que estava acontecendo o tempo inteiro.

— Ele é assim também — observa a srta. Robinson, olhando para mim.

Pode olhar o quanto quiser. Isso não significa que o bebê é meu.

O garotinho choraminga na cadeirinha.

lesha solta um suspiro.

— O que foi agora?

— Ele deve estar querendo a chupeta, querida — sugere minha mãe.

lesha coloca a chupeta na boca do bebê, que para de chorar imediatamente.

Observo lesha com cuidado. Está com olheiras profundas que não tinha antes.

— Tem alguém te ajudando a cuidar dele?

— *Ajudando?* — ironiza a mãe dela, como se eu a tivesse xingado. — E quem devia ajudar? *Eu?*

— Deixa disso, Yolanda — minha mãe tenta acalmá-la. — É coisa demais pra qualquer pessoa ter que lidar, imagina pra uma menina de 17 anos.

— Verdade. Mas se ela quer agir como adulta, pode lidar com isso como se fosse adulta. Por. Conta. Própria.

lesha pisca bem rápido.

De repente, fico me sentindo muito mal por ela.

— Se o bebê for meu, você não vai mais precisar fazer isso sozinha, beleza? Sempre que puder, vou na sua casa pra ajudar.

Cinco segundos atrás, ela estava prestes a chorar. Agora, me lança um sorriso debochado.

— Ah, jura? Sua namorada vai ficar de boa com isso?

Não sei como Lisa vai reagir. Imaginei que se o bebê não fosse meu, ela nem precisaria ficar sabendo de nada. Mas se for...

— Não se preocupe com ela — digo.

— Ah, eu não estou preocupada. *Você* é que devia estar. Aquela pose de metida vai cair por terra rapidinho.

— Ei, não fala assim da Lisa!

— Tanto faz. Todas as garotas do Garden High babando por você, e você vai atrás da menina arrogante do colégio católico. Tá tudo bem. Meu bebê não é seu. Assim que os resultados saírem, vou levar o menino pro pai verdadeiro e a gente vai ser uma família. Aguarde.

— Ilesha Robinson! — chama a enfermeira.

Todos olhamos na direção dela.

É agora.

— Vai lá — diz a srta. Robinson para a filha.

Ilesha se levanta, bufando.

— Que situação idiota.

— Idiota é ter dois pais possíveis pro bebê. Isso que é idiota — rebate a mãe.

Eita, porra. Eu e minha mãe brigamos? Com certeza, o tempo inteiro. Mas não assim, em público.

Ilesha volta e enfia um envelope na mão da mãe, com raiva.

— Aposto que tô certa. Aposto.

A srta. Robinson pega os papéis e começa a ler. A julgar pelo olhar convencido, já sei o que está escrito.

— Parabéns, Maverick — cumprimenta, encarando a filha. — *Você* é pai.

Merda.

— Jesus — Minha mãe põe a mão na testa. Dizer que a criança é minha e ter certeza disso são duas coisas diferentes.

Ilesha pega os papéis, olha para eles, e seu o rosto desmorona.

— Merda.

— Porra, por que você tá irritada?

— Era pra ser filho do King! Não quero ficar lidando com você!

— Eu também não quero lidar com você!

— Maverick! — repreende minha mãe.

Meu filho começa a chorar na cadeirinha.

Minha mãe me olha de cara feia e pega o bebê no colo.

— O que foi, Bonitinho? Hein? — Ela não precisa de muito para criar apelidos. Cheira a fralda na região próxima ao bumbum dele e franze o nariz. — Ah, já sei o que aconteceu. Onde estão as fraldas dele?

— Na bolsa — resmunga lesa.

— Pegue a bolsa, Maverick — ordena minha mãe. — A gente vai cuidar disso.

De repente, eu tenho um filho e ele está com a fralda suja.

— Não sei trocar fralda.

— Então é hora de aprender. Vem.

Minha mãe entra no banheiro feminino e age como se eu devesse segui-la. De jeito nenhum. Ela volta para a porta.

— Vem, garoto.

— Não posso entrar aí!

— Não tem ninguém. Enquanto não colocarem trocador no banheiro masculino, é aqui mesmo. Entra.

Porra, isso não é legal. Vou atrás dela. O menininho está chorando muito. Entendo o porquê. A fralda está fedendo demais. Minha mãe o entrega para mim enquanto vasculha a bolsa, e eu o seguro longe do corpo. Não quero me sujar de cocô.

— Tem um monte de roupas aqui — comenta minha mãe. — Vamos ver se ela trouxe um trocador portátil. Se não tiver... Deixa pra lá, tem sim. — Ela põe o trocador em cima da mesa. — Ok, deite o bebê aí.

— E se ele cair?

— Ele não vai. Isso, assim — diz, enquanto o coloco na mesa. — Agora desabotoe o...

Não escuto mais o restante da frase enquanto olho para o bebê.

Antes, eu ficava só impressionado com a ideia de existir algo tão pequeno. Agora, olho para ele e é meu, sem dúvida.

A pior parte? Eu sou dele também.

Estou com medo. Fiz besteira. Fiz 17 anos há um mês e agora preciso cuidar de outra pessoa.

Ele precisa de mim.

Depende de mim.

Vai me chamar de “papai”.

— Maverick?

Minha mãe toca o meu ombro.

— Você vai conseguir. Vou te ajudar.

Não está falando só da fralda.

— Tá bom.

Ela ajuda na minha primeira troca de fralda. Uma enfermeira entra e vê que estamos com dificuldade — faz um tempo que minha mãe não faz isso — e nos dá algumas dicas. O menininho ainda está reclamando, mesmo limpo. Minha mãe o segura contra os ombros e faz carinho em suas costas.

— Tá tudo bem, Bonitinho. Tá tudo bem.

Logo ele se acalma. Acho que é tudo o que ele precisava saber.

Pego a bolsa e voltamos para a sala de espera.

A cadeirinha do meu filho está no chão com os papéis do teste de DNA dentro dela. A srta. Robinson sumiu.

E Ilesha também.

TRÊS

— Aquela nojenta insuportável! E não estou falando da lesha, estou falando da mãe dela! — xinga minha mãe.

Está fazendo um escândalo desde que saímos da clínica.

A princípio, achei que lesha e srta. Robinson tinham ido para fora. Mas não, tinham ido embora mesmo. Uma das enfermeiras disse ter avisado que elas estavam esquecendo a cadeirinha e a srta. Robinson respondeu que não iam precisar mais dela, depois empurrou lesha porta a fora.

Fomos direto para a casa delas. Bati na porta, olhei pelas janelas. Ninguém atendeu. Eu e minha mãe não tivemos escolha a não ser levar o menininho conosco.

Subo os degraus de casa carregando-o na cadeirinha. Está tão entretido com os brinquedos pendurados do móbile que ainda nem percebeu que foi abandonado pela mãe como se fosse nada.

Minha mãe abre a porta.

— Senti uma coisa estranha quando vi todas aquelas roupas na bolsa do bebê. Elas o despacharam sem falar nada!

Coloco a cadeirinha em cima da mesa. O que aconteceu, cacete? Sério, irmão. Do nada, fiquei responsável por tomar conta de um ser humano completo, sendo que nunca cuidei nem de um *cachorro*.

— O que a gente faz agora, mãe?

— É óbvio que vamos ter que ficar com ele até a gente descobrir o que lesha e a mãe estão tramando. Pode ser coisa de um fim de semana, mas do jeito que elas são irresponsáveis... — Ela fecha os

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Uma rosa no concreto"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).